

ALENCAR, UM VELHO TEMA

JOÃO CLÍMACO BEZERRA

Não se pode alienar a literatura brasileira, a partir do romantismo, de uma indisfarçável influência de José de Alencar. Mas, numa singularidade dificilmente explicável, não encontramos um escritor marcadamente filiado ao tropicalismo do cantante poeta de Iracema. Não fez Alencar uma escola no romance, como não fizera, apesar da proclamada libertação dos canones lusitanos, na sua linguagem.

Combatido ao extremo (e não se deve esquecer que Pedro II chegara ao ponto de importar escritores de Portugal para destruir-lhe o renome), admirado e querido pela juventude, sua passagem apenas se dilui através das páginas dos romancistas e poetas que lhe seguiram. Não há um romancista caracteristicamente marcado nem pelo paisagismo nem pela linguagem de José de Alencar.

Mas, de certa maneira, há raízes que prendem toda a literatura de após romantismo àquele épico tropicalista de tantas páginas saborosamente brasileiras.

Talvez desses escritores nenhum se equipare tanto a Graça Aranha. O mesmo amor pela natureza, a mesma força de descrição, a mesma ênfase, a mesma frase redonda, sensual, embalante como se fabricada sobre pauta musical. Mas a tentativa de um confronto entre Graça Aranha e Alencar não resistiria a acuidade de um crítico legítimo.

E quem poderia negar a influência de o romancista do "Guaraní" no próprio Machado. A velha lei de que os contrastes se tocam parece resumir-se nesses dois temperamentos aparentemente distanciados, próximos, no entanto, nessa paradoxal separação.

Alencar era bastardo. De uma bastardia socialmente nula em face dos costumes. Filho de padre. Mas padre político, homem de Estado, com uma fôlha de serviço prestado à sua terra. E homem sobretudo de inteligência prática, objetiva, sem concessões à imaginação ou à poesia. Não se discutiu jamais essa filiação de José de Alencar. Ela apenas não se explica no tempo mas era aceita e acatada.

E é por isso que, apesar ou por ela mesma, Alencar conquistou tôdas as posições numa côrte patriarcalista e quase rural. Foi deputado, conselheiro, jornalista, tribuno, escritor. Far de Rei, falando de igual a igual ao Imperador. Evocando-lhe no episódio célebre do seu próprio sacrificio pessoal, no caso da Senatória, o procedimento imperial na abolição da minoridade. A Machado de Assis decerto, aquele exemplo de rebeldia e insubmissão de um bastardo erigido à igualdade reinante, devia ferir (e porque não incentivar?) o seu mulatismo de filho legítimo. Se a bastardia de Alencar, socialmente não transmitia moça, a legitimidade da filiação de Machado era marcada por outra espécie de bastardia. A da raça. Da fusão do branco com o negro, aquela miscigenação que só se admitia, socialmente, de senhor para escravo e não de igual para igual.

Nunca pude libertar-me da idéia de que Machado, até certo ponto, quis ser a antítese de Alencar. Fugiu-lhe ao tropicalismo, à exuberância, aos arroubos, à frase impressiva, mas, às vezes, gramaticalmente, inaceitável. A frase de Machado é ática. Prima pela economia, pela quase avareza. E ela nos transmite mesmo a idéia do avarento. Do homem que possui todos os tesouros, mas só gasta o indispensável, o estritamente necessário. E até nessa parcimônia ainda procura gastar da melhor forma, o mais perfeitamente possível.

Talvez não fôsse inaceitável, endossando a classificação de Gilberto Freyre (Reinterpretando José de Alencar — pag. 32) que chama Alencar de “paisagista-romântico” ou naturista-lírico”, admitir a mesma classificação para Machado.

A linha de “Helena” não se perde em “Dom Casmurro”, como o poeta dos primeiros tempos ainda esconde em “Memorial de Ayres”. Machado foi sempre um romântico. Um “lírico-naturalista”. Assim como a mulher de Alencar era sempre uma integração na natureza tropical, a mulher de Machado é uma fuga na sociedade senhorial do Rio de Janeiro do século passado. Alencar demasiava-se na paisagem para minguar-se imaginativamente nos seus perfis de mulher. Daí, talvez, seu interesse irrecorrível pelas “jeunes fills en fleur”, pelas moçoilas, pelos “brotos”, diríamos hoje. A mulher imatura, mais promessa que realidade, incapaz de sofisticções. Ao passo que a mulher em Machado, ainda o contraste, é a fruta madura, experiente, alerta na defesa de si mesma, embora nessa insegurança peculiar ao feminismo. E até mesmo no amor, onde Alencar se inclina sempre pela “virgem dos lábios de mel”, deixando-se conduzir como extinto, mas isenta da paixão do

sexo, Machado vale-se da viuva para quem o contacto da carne não é mais surpresa, não encerra mais mistérios. O conhecimento refreia os instintos e a mulher machadeana é sempre uma criatura que se coloca na defensiva, que espera menos o desconhecido do mistério, do que o avanço da luxúria. Iracema, no seu primitivismo vai até o sacrifício total na ausência do amor. Capitu, marcadamente civilizada, se deixa dominar pelo instinto na procura da concepção. As duas atitudes não parecem desprezíveis. A mulher em contacto com a natureza, habituada ao testemunho do coito, tôda nudez e inocência no que o vocábulo tem de instintivo, sente mais a força da renúncia do amor do que a outra de instintos adormecidos pelas convenções, da carne policiada pela religião e pela sociedade. Poder-se-ia contra a tese invocar o "romantismo" alencarino, e o "naturalismo" machadeano. Não se deve, porém, esquecer que o personagem é sempre uma soma. E soma em que entra, como principal parcela, o próprio romancista. Da regra não se excluem os personagens femininos, pois a criação não conhece sexo. Alencar era franco, leal, impetuoso, voluntarioso. Machado cético, tímido, frio, talvez vingativo. Possivelmente não era mau homem, nêsse sentido de excusar-se a fazer o bem, a repelir o desejo e a necessidade de solidariedade humana. Mas era um judiado, um marcado, um casmurro. Refugiava-se na defensiva. E a defensiva, nos seus personagens, se traduzia pelo ataque. Ataque que, em última instância, convertia-se em vingança.

Alencar não sentia essa necessidade de vingar-se. Pois ele mesmo era um insumisso. Não levava desaforos para casa. E dizia a verdade ou que pensava ser a verdade. Até ao Rei. Não se refugiava no personagem para realizar-se, porque, na vida, já se realizara.

Machado não tinha "vida". Porque a sua existência mesquinha e humilde era o reverso da existencia que idealizara. Daí cada um dos seus personagens centrais encerrar uma fuga. E tôda vez que êle se retrata na primeira pessoa, ficamos diante de um "conselheiro", de um "nobre", de "um burguês bem situado" na vida. De um homem que viajou a Europa, que se habituou ao trato da sociedade cortezã. Ayres não é o Machado como êle era, mas o Machado como sempre desejou ser, o Machado que se sonhava a si mesmo par de rei, intimo dos ricos, festejado, porque era, na verdade, pela inteligência, pela cultura, pela sensibilidade, o mais nobre dos nobres do seu tempo. E foi precisamente aí que êle deixou de integrar-se no naturalismo, no realismo. Porque seus personagens não

cram a realidade real, mas a realidade possível, testemunhável, vista e não vivida.

Mais que os livros, um episódio (ainda literário) mostra a contradição dos dois temperamentos tão próximos. A carta de Alencar apresentando a Machado o poeta Castro Alves. Para Alencar não existem reservas, não ha medo de elogio, não há economia de palavras. Sentia-se arrebatado e arrebatadamente externou-se. Machado responde colocando no entusiasmo as reticências do vacilante. E mingua os elogios. Não contesta, mas não se exalta. Não nega, mas não se gasta. E não seria licito recusar a Machado, crítico de profunda sensibilidade, a descoberta de Castro Alves. Apenas era realmente um frio o genial criador do humanitas"...

Essas considerações me foram sugeridas pelo pequeno ensaio de mestre Gilberto — REINTERPRETANDO JOSÉ DE ALENCAR — (Os Cadernos de Cultura — Ministério de Educação e Cultura, n. 79). Elas não fazem sentido com o livro, mas que importa. O mestre de Recife não é um avaro de idéias, Solta-as com inteligência e com uma prodigalidade de estar-recer. E conduz-nos à meditação, a novas conclusões, à procura de caminhos.

Gilberto Freyre está reabilitando José de Alencar. Reintegrando-o na paisagem e na vida do Brasil. Redimindo-o, não do esquecimento, mas dos erros de interpretação que são, na verdade, mais funestos que o primeiro. E já não é possível conhecer Alencar sem a ajuda dos dois pequenos ensaios de Gilberto Freyre: José de Alencar (mesma coleção, caderno 18) e REINTERPRETANDO JOSÉ DE ALENCAR.